

SIMÕES DE ASSIS

SIMÕES DE ASSIS

Sergio Lucena

Veredas

Pathways

abertura opening

quinta, 16 de março das 18h às 21h

thursday, march 16 from 6pm to 9pm

16.03 - 06.05.2023

Balneário Camboriú

3ª av., esquina c/ 3.150, sala 04

88330-260 sc brasil

+55 47 3224-4676

“O real não está no início nem no fim, ele se mostra pra gente é no meio da travessia...”

Guimarães Rosa

É na mais recente exposição de Sergio Lucena que nos enveredamos pelo caminho do deslumbramento, um percurso de imersão na cor e no encanto. A cor é um campo de conhecimento inesgotável, que perpassa o tempo. Seu estudo fascina e provoca pesquisadores há centenas de anos, sendo parte da construção simbólica perceptiva de cada sujeito, parte de um constructo cultural e social.

Em publicação de 1810, o escritor alemão Goethe concebeu a cor como uma existência para além da física, entre a ciência e a linguagem poética. Se Newton preocupou-se em estabelecer critérios dentro da física, Goethe expandiu o campo de investigação e buscou entender o fenômeno que abarca a percepção. A doutrina Goetheana é uma ideia, uma sensação, da natureza como vida e como existência. A cor não tem existência material - é, portanto, uma sensação que surge devido à existência da luz.

Se, de um lado, Newton realizou a matematização da natureza no campo da ciência e, de outro, Goethe desenvolveu um estudo filosófico e sensorial, Sergio Lucena, artista, opera a materialização pictórica da cor.

O artista paraibano desenvolveu ao longo de décadas a captação da sensação da cor em suas paisagens, envolvendo aqueles que observam seu trabalho de maneira atenta. É no contato da tinta a óleo com o linho, tela ou alumínio que se cria a contemplação como dimensão afetiva da cor. Sua produção é formada pelo ato pictórico aliado ao simbólico, quase como um gesto religioso proposto pelo artista.

Em um mundo hoje desencantado, principalmente pelo isolamento digital tecnológico, parece não existir mais o mistério ou o desconhecido, tudo é imediatamente disponível, acessível e conectado. Pode parecer que estamos afundados em uma era da indiferença. Ailton Krenak, liderança ambientalista indígena, propõe estratégias para adiar esse fim trágico que se apresenta ao nosso mundo, lembrando-nos da necessidade absoluta de vínculos profundos com a memória ancestral - o meio para evitar a loucura em um ambiente que cada vez mais nos separa e cria ausências partilhadas.

Se estamos embrenhados nesse contexto pouco esperançoso, é a arte que parece ser o alento que nos resgata da apatia e da falta. Com a pintura, Sergio Lucena suspende o espectador e o mergulha em um mar de cores, fazendo com que o tempo se torne outro. Se pensarmos na origem etimológica da palavra encantar, do latim incantare, seria algo inebriante que causa o completo enfeitiçamento dos sujeitos. Suas paisagens nos enfeitam, constituem simultaneamente uma memória da tenra infância do artista com o estabelecimento de um mundo imaginado.

Em “A little larger than the entire Universe” (2023) vemos formações montanhosas que firmam o horizonte enquanto o roxo penetrante, em suas muitas variações tonais, abre-se para a infinitude do céu, dançando o olhar do espectador, convidando para uma sublimação pelos matizes. Seus trabalhos são uma maneira de nos fundir ao organismo que é a terra, e a pintura é seu aterramento, alcançando uma simbiose entre a paisagem inventada e uma relembração de um nordeste celestial, ancião, com cores que apenas ele é capaz de criar. Com uma técnica de sedimentação de tinta singular, o artista desenvolve pelas camadas uma vibração crescente dos tons, quase como se estivessem em movimento, como se percebe na série “Threshold”.

É na submersão em cores magnéticas e arrebatadoras que atingimos a contemplação, um hiato em tempos de tamanha sobrecarga de informação e comunicação. Assim, assimilamos o silêncio. Se, para alguns, sonhar é abdicar da realidade, para outros, não há sentido na vida se não for pelos sonhos, qual seria a busca do encantamento. Lucena nos propõe um caminho do incantare, da imersão em seu universo brilhantemente construído, agindo no re-encantamento como condição sine qua non para ressignificar o mundo, em que a experiência da pintura é a travessia. Procede com destreza em meio a esses tempos de descolamento, proporcionando a contemplação, o silêncio, e realiza, mais uma vez, a materialização do sublime diante de nossos olhos.

Mariane Beline



"What is real isn't in the beginning nor in the end, it manifests itself in the middle of the journey..."

Guimarães Rosa

It is in Sergio Lucena's most recent exhibition that we take the path of dazzle, a journey of immersion in color and enchantment. Color is an inexhaustible field of knowledge that transcends time. Its study has fascinated and provoked researchers for hundreds of years, being part of the symbolic perceptive construction of each subject, part of a cultural and social construct.

In an 1810 publication, the German writer Goethe conceived color as an existence beyond physics, between science and poetic language. If Newton was concerned with establishing criteria within physics, Goethe expanded the field of investigation and sought to understand the phenomenon that encompasses perception. The Goethean doctrine is an idea, a sensation, of nature as life and as existence. Color has no material existence - it is, therefore, a sensation that arises due to the existence of light.

If, on the one hand, Newton carried out the mathematization of nature in the field of science and, on the other, Goethe developed a philosophical and sensorial study, Sergio Lucena, the artist, operates the pictorial materialization of color.

The artist from Paraíba has developed over decades the capture of the sensation of color in his landscapes, involving those who observe his work attentively. It is in the contact of oil paint with linen, canvas, or aluminum that contemplation is created as an affective dimension of color. His production is formed by the pictorial act allied to the symbolic, almost like a religious gesture proposed by the artist.

In a world today disenchanted, mainly by technological digital isolation, there seems to be no more mystery or the unknown, everything is immediately available, accessible, and connected. It may seem that we are sinking into an age of indifference. Ailton Krenak, an indigenous environmentalist leader, proposes strategies to postpone this tragic end that presents itself to our world, reminding us of the absolute necessity of deep connections with ancestral memory - the means to avoid madness in an environment that increasingly separates us and creates shared absences.

If we are immersed in this hopeless context, it is art that seems to be the breath that rescues us from apathy and absence. With his painting, Sergio Lucena suspends the audience and immerses them into a sea of colors, making time become still. If we think about the etymological origin of the word enchant, from the Latin *incantare*, it would be something inebriating that causes the complete bewitchment of the subjects. His landscapes bewitch us, they constitute simultaneously a memory of the artist's tender childhood and the establishment of an imagined world.

In "A little larger than the entire Universe" (2023) we see mountain formations that firm the horizon while the penetrating purple, in its many tonal variations, opens to the infinitude of the sky, dancing the viewer's gaze, inviting a sublimation through the hues. His works are a way of fusing us to the organism that is the earth, and painting is its grounding, achieving a symbiosis between the invented landscape and a recollection of a heavenly, ancient northeast, with colors that only he is capable of creating. With a unique paint sedimentation technique, the artist develops through the layers a growing vibration of tones, almost as if they were in motion, as can be seen in the series "Threshold".

It is in immersion in magnetic and overwhelming colors that we reach contemplation, a hiatus in times of such overload of information and communication. Thus, we assimilate silence. If, for some, dreaming is to abdicate reality, for others, there is no meaning in life if not for dreams, which would be the search for enchantment. Lucena proposes a path of *incantare*, of immersion in his brilliantly constructed universe, acting in the re-enchantment as a *sine qua non* condition to re-signify the world, in which the experience of painting is the journey. He proceeds with dexterity amidst these times of detachment, providing contemplation, silence, and accomplishes, once again, the materialization of the sublime before our eyes.

Mariane Beline





A little larger than the entire Universe, 2023

óleo sobre tela

oil on canvas

150 x 200 cm

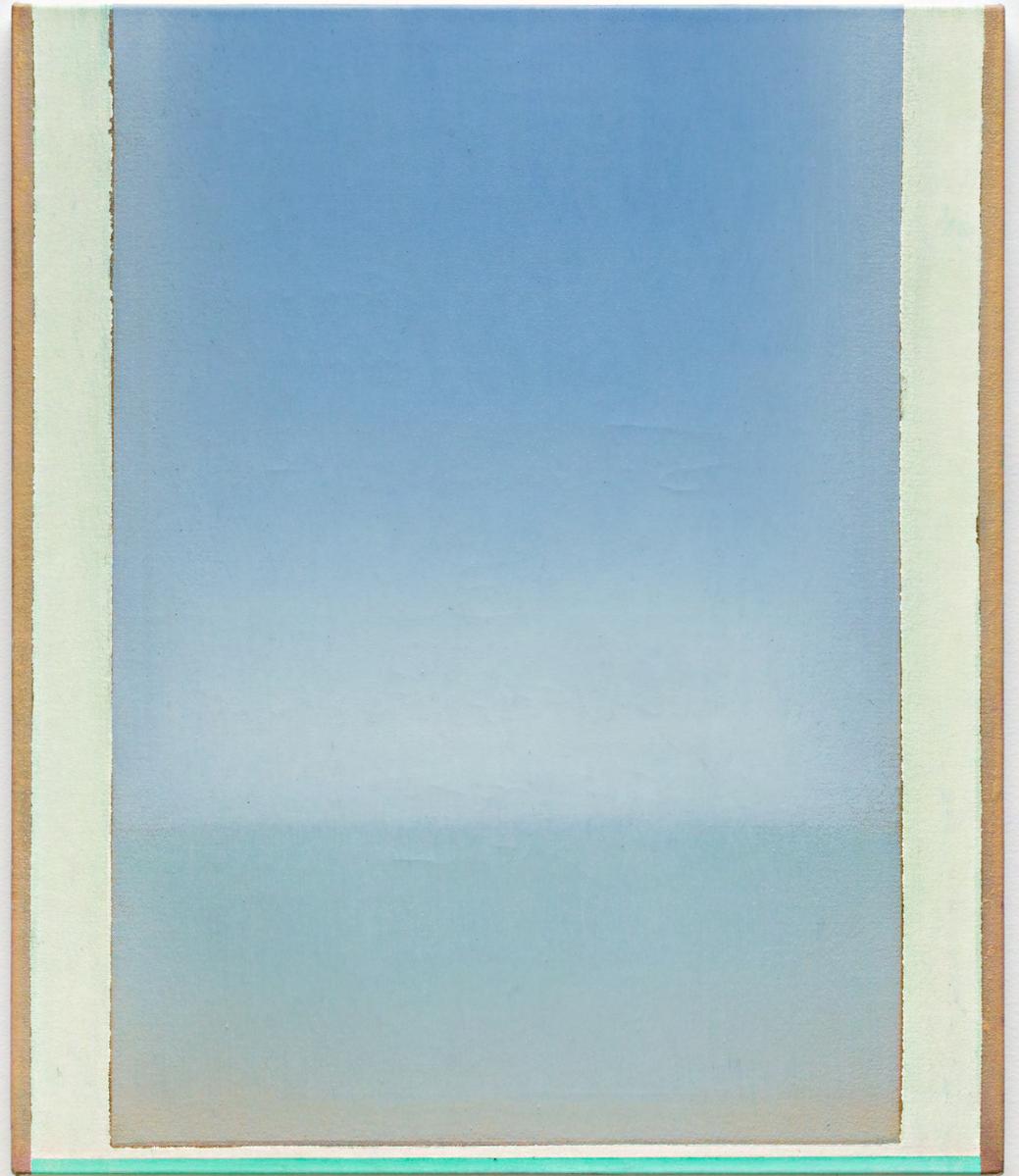
59 x 78 ³/₄ in

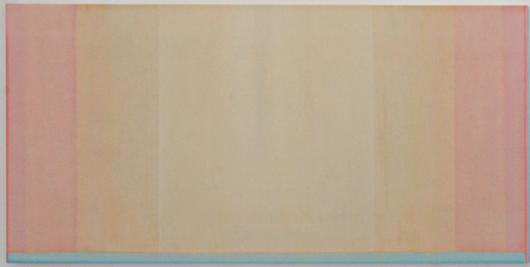


Travessia, 2022
óleo sobre tela
oil on canvas
150 x 150 cm
59 x 59 in

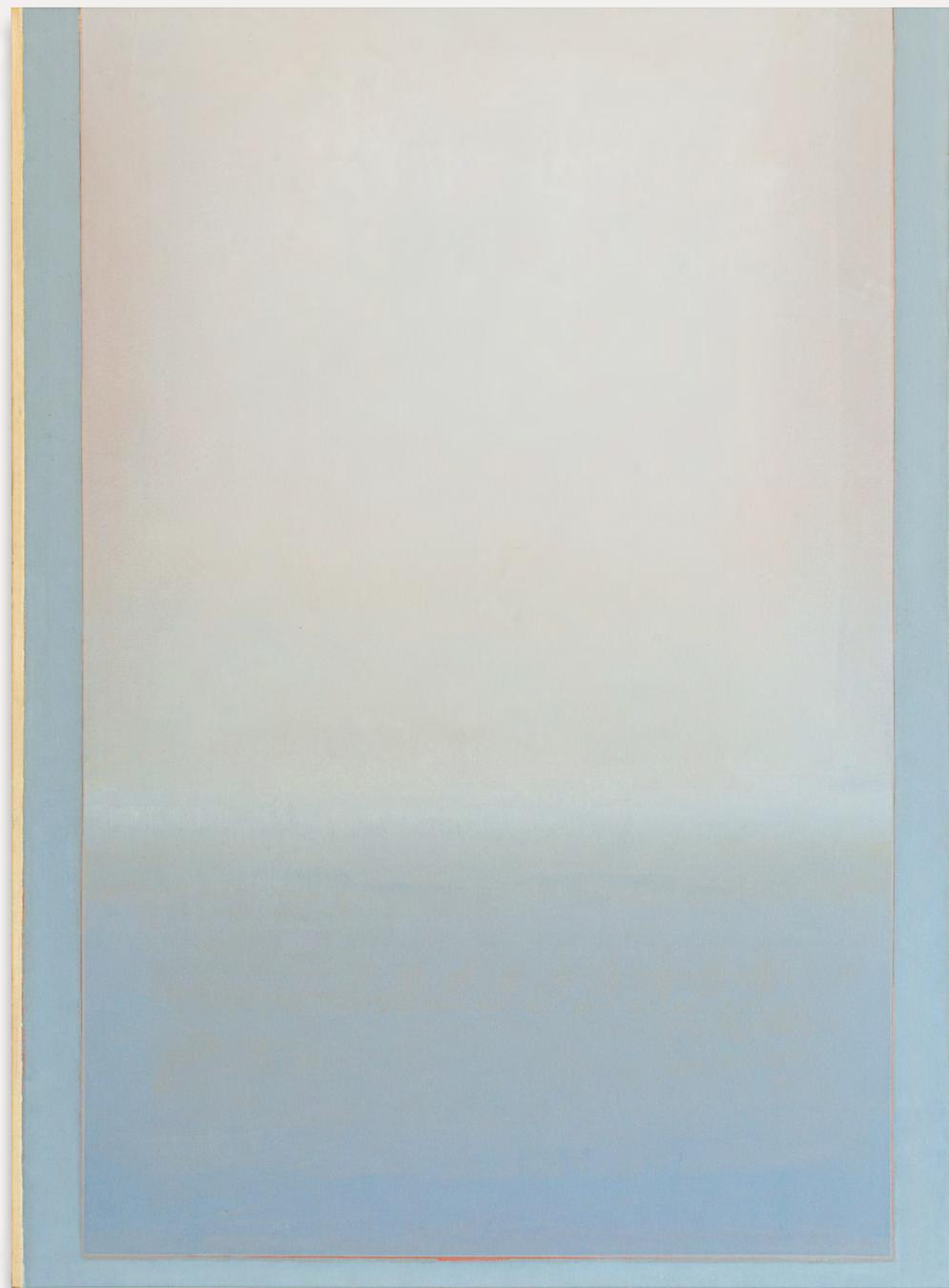


Cada coisa, no seu tempo, tem seu tempo, 2023
óleo sobre tela
oil on canvas
70 x 60 cm
27 ⁵/₉ x 23 ⁵/₈ in

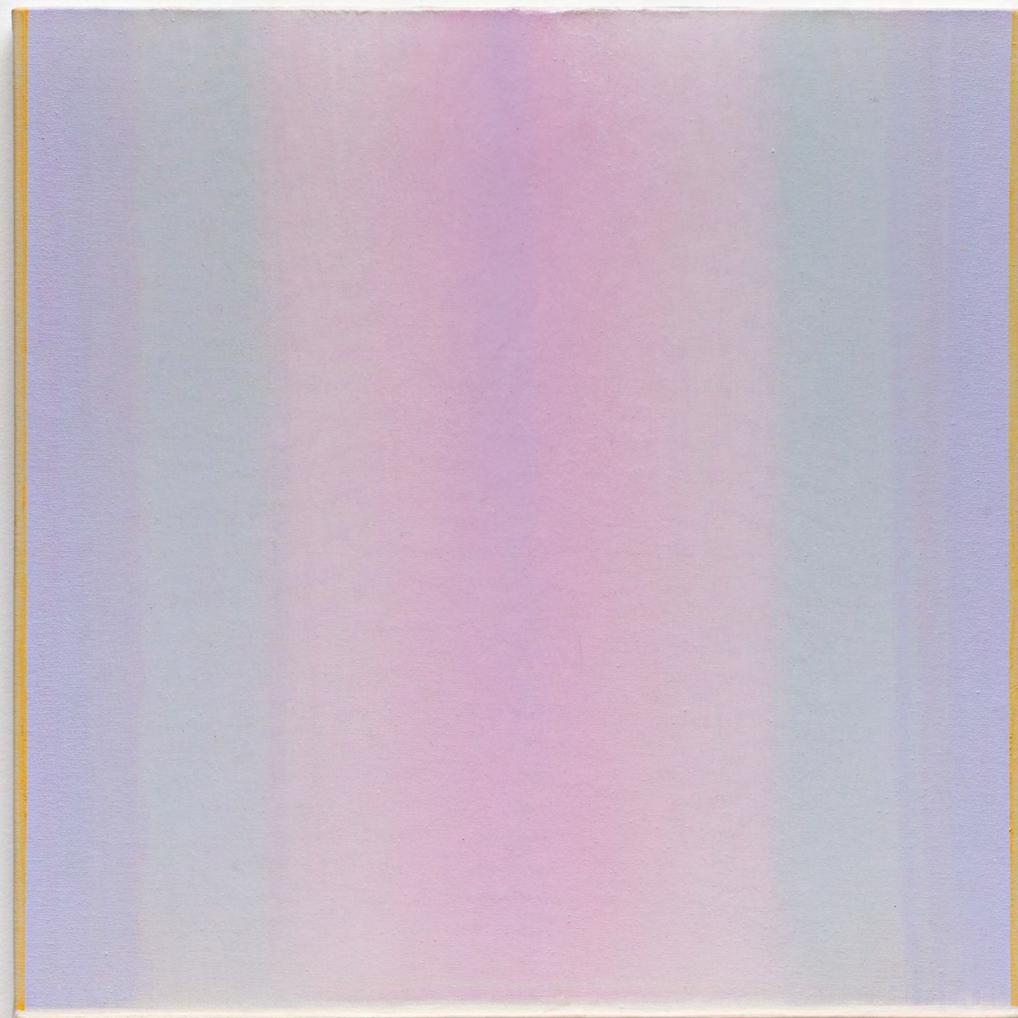


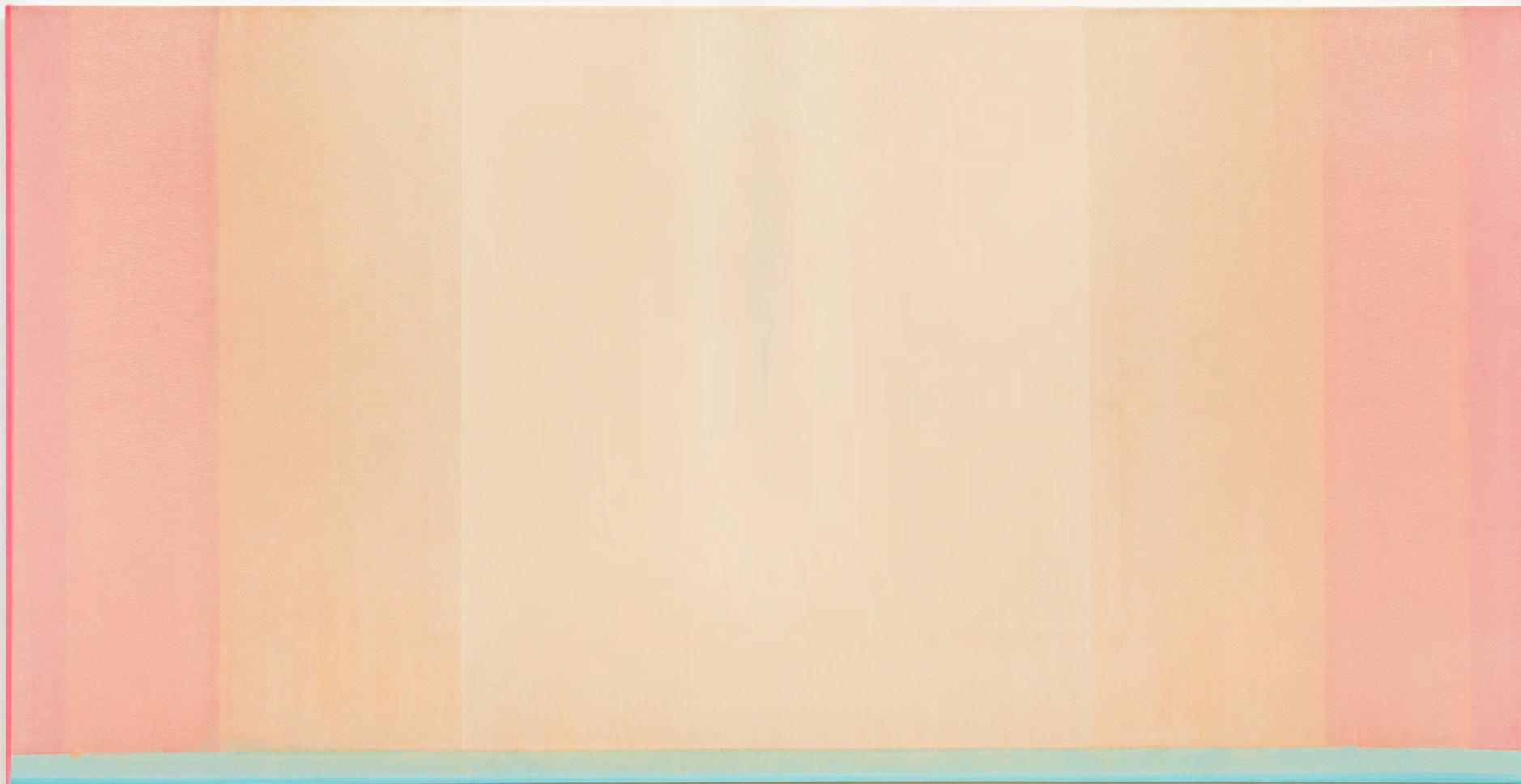


Festa do interior - Nº 17, 2022
óleo sobre tela
oil on canvas
200 x 150 cm
78 ¾ x 59 in



Série Threshold N7, 2019
óleo sobre tela
oil on canvas
60 x 60 cm
23 ⁵/₈ x 23 ⁵/₈ in





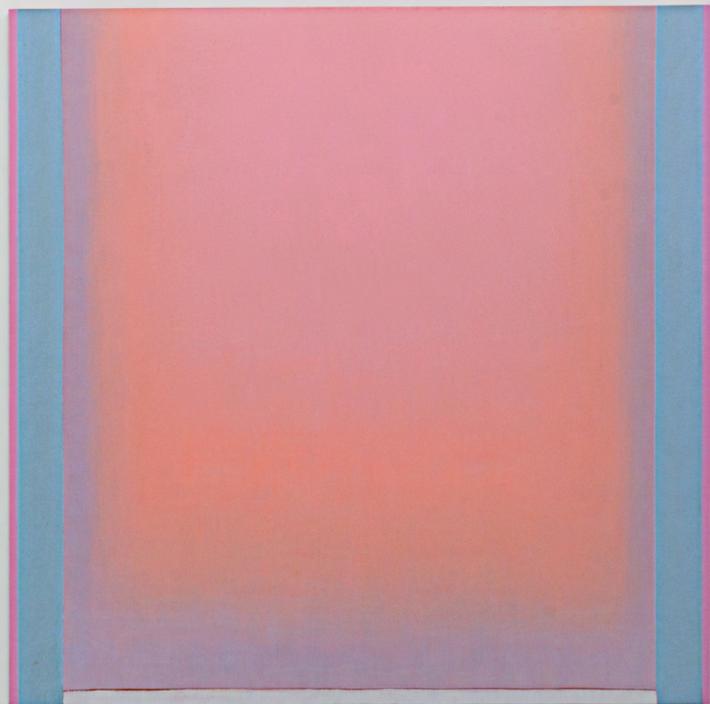
One midday in late spring, 2023

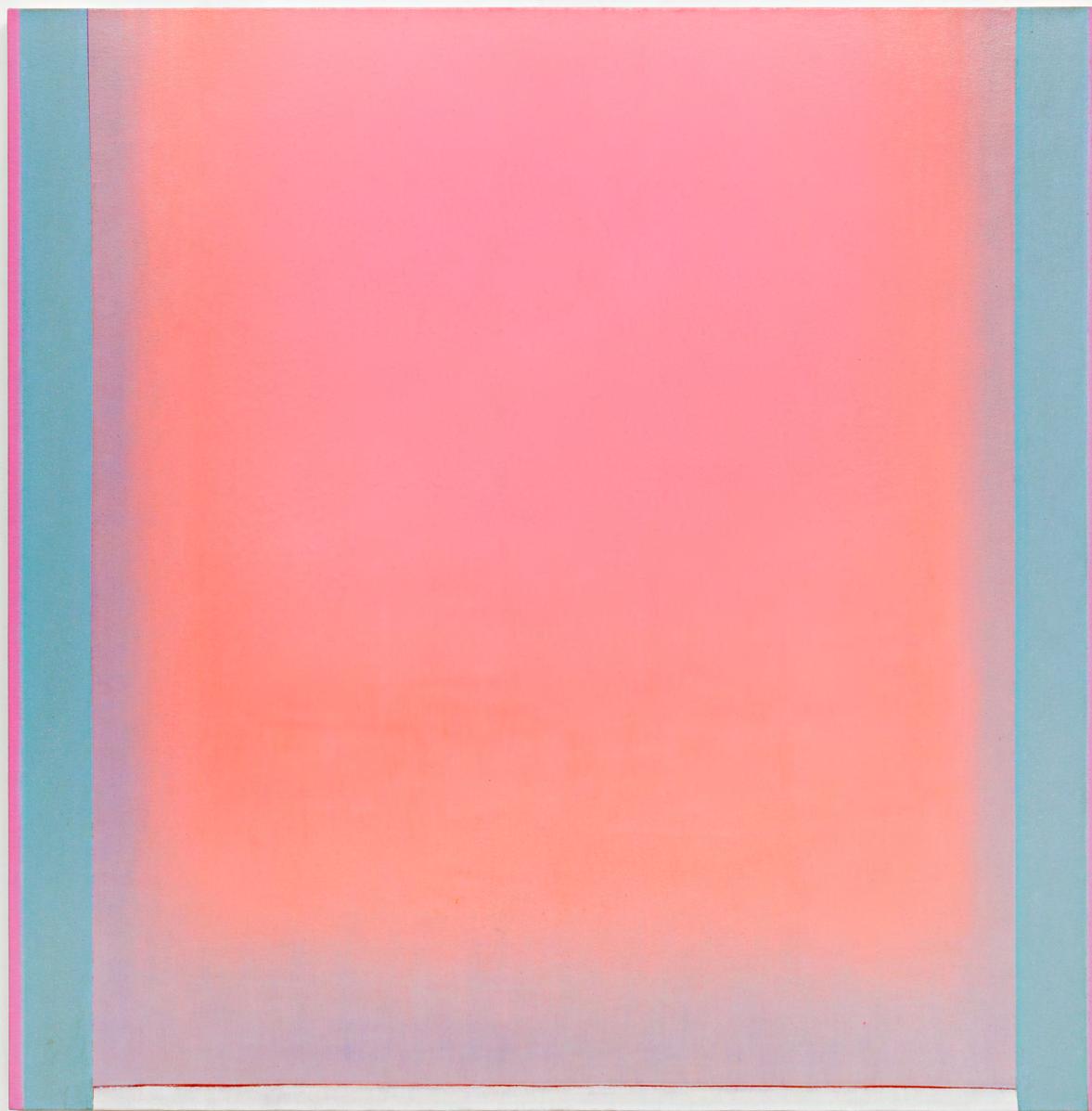
óleo sobre tela

oil on canvas

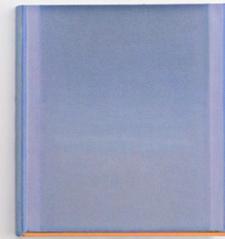
110 x 220 cm

43 ⁵/₁₆ x 86 ³/₈ in



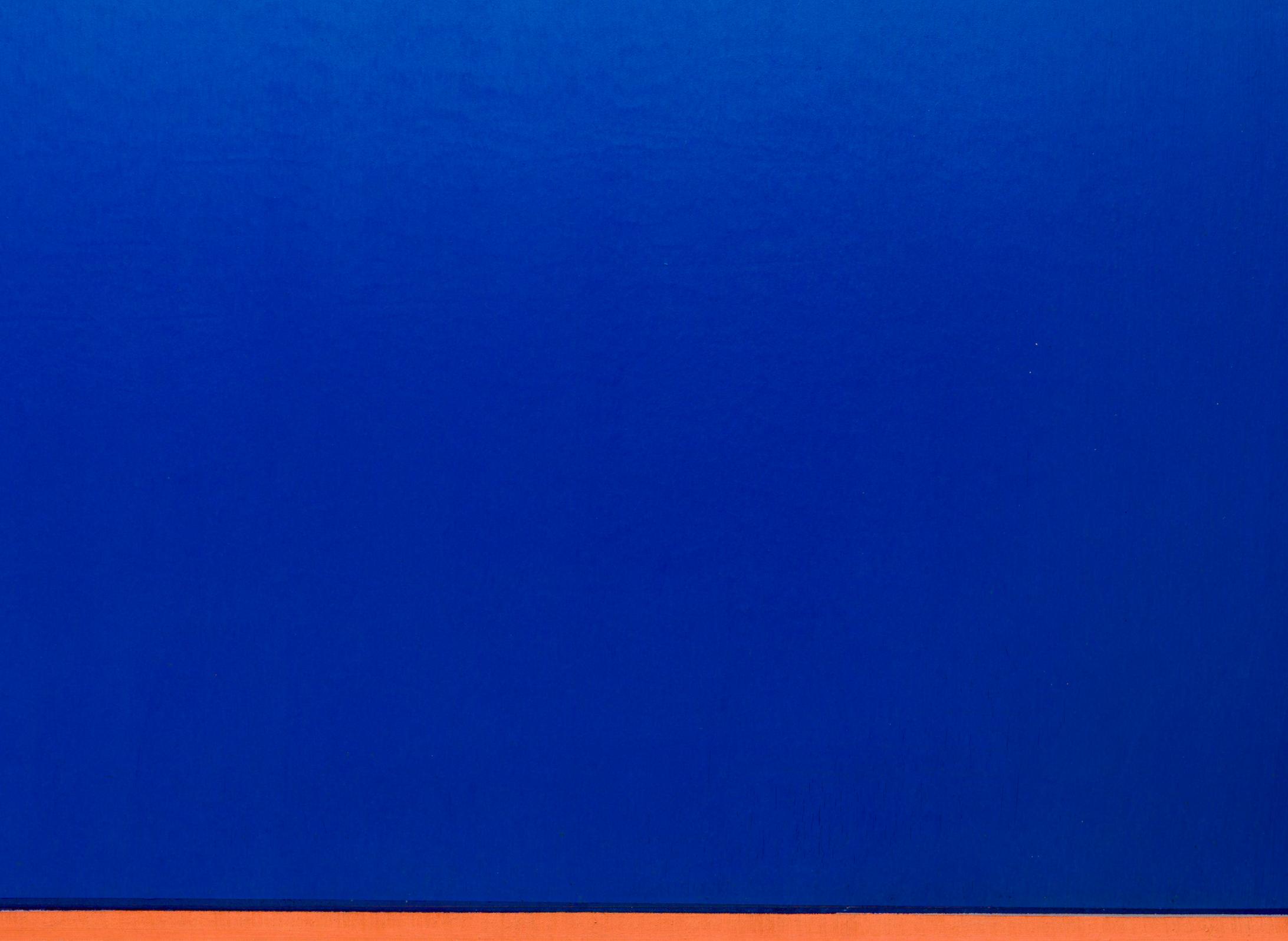


Alegria Alegria, 2023
óleo sobre tela
oil on canvas
150 x 150 cm
59 x 59 in

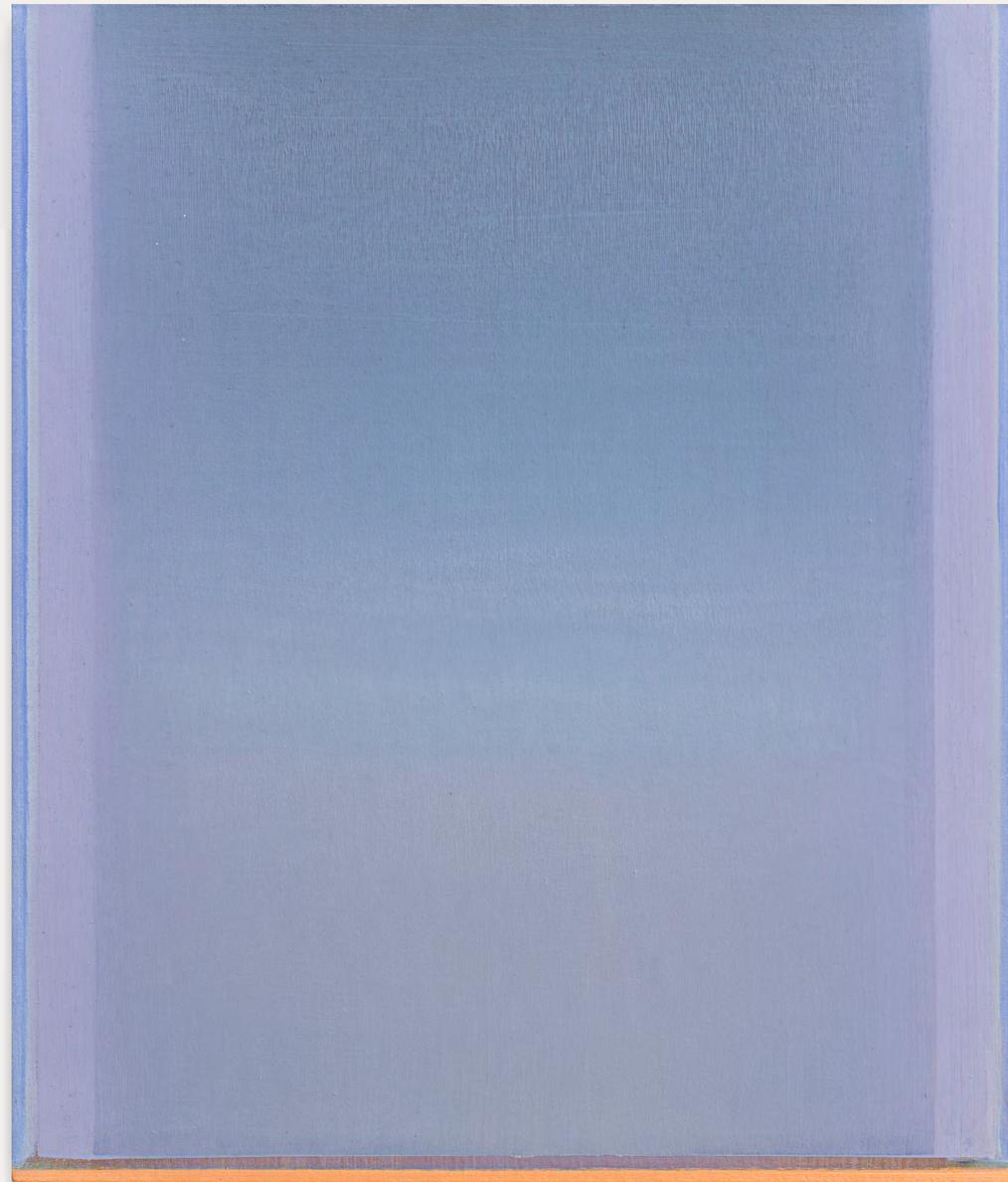


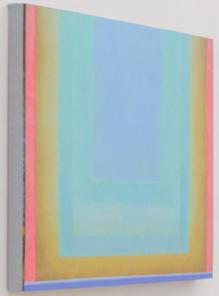


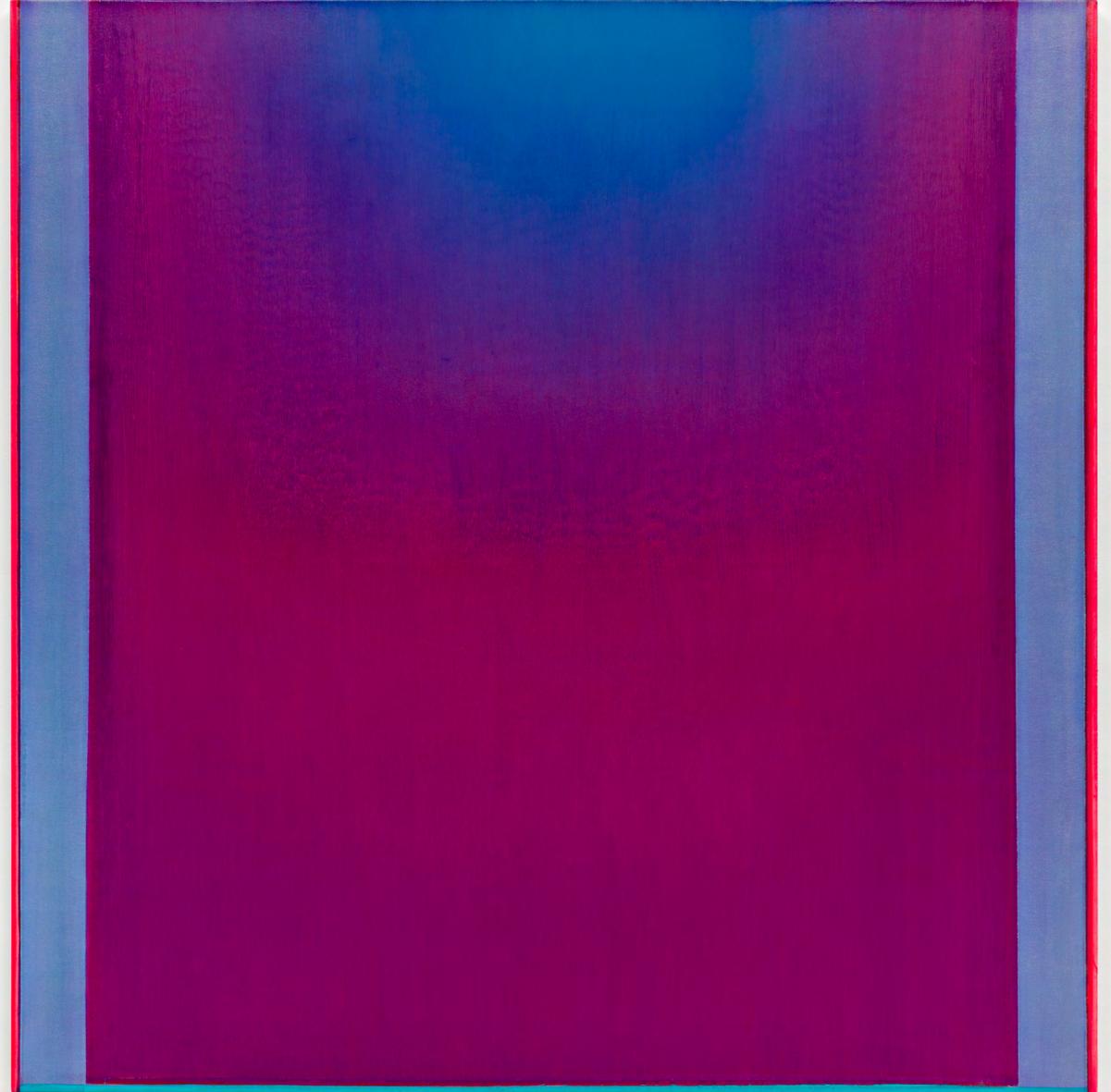
Seascape, 2020
óleo sobre tela
oil on canvas
180 x 180 cm
70 4/5 x 70 4/5 in



Um pensamento cheio de distâncias, 2020
óleo sobre tela
oil on canvas
70 x 60 cm
27 ⁵/₉ x 23 in







I love the roses of Adonis's gardens, 2023
óleo sobre tela
oil on canvas
150 x 150 cm
59 x 59 in

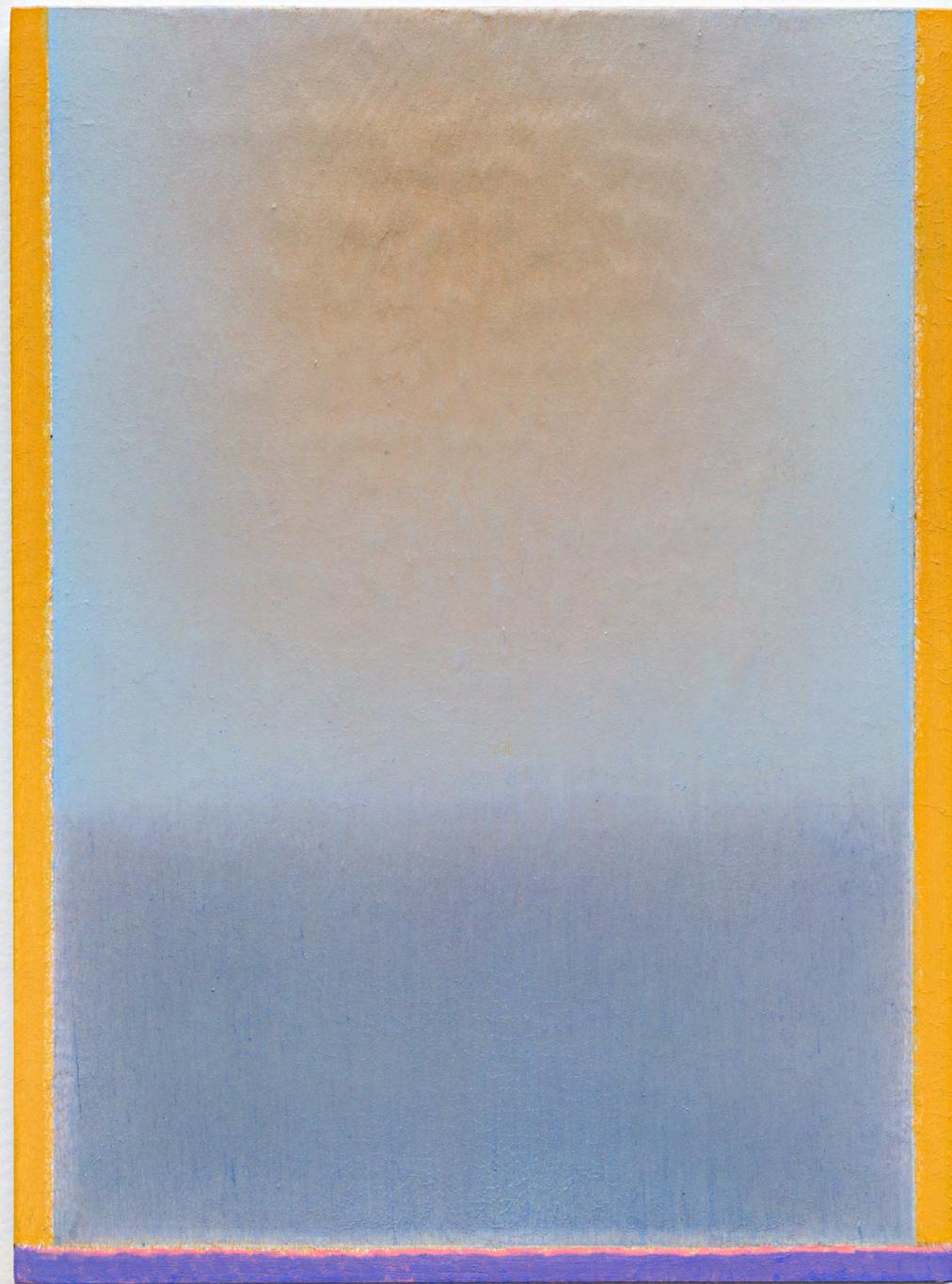






Triumphal Ode, 2023
óleo sobre alumínio
oil on aluminum
30,5 x 23 cm (cada)
12 x 9 in each

Lonely Stillness, 2023
óleo sobre alumínio
oil on aluminum
30,5 x 23 cm
12 x 9 in





Sergio Lucena (João Pessoa, 1963) frequentou os cursos de bacharelado em física e psicologia, ambos na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa, mas interrompeu a graduação para dedicar-se à arte. Em 1982, deu início ao estudo de técnicas de desenho e pintura com o artista Flávio Tavares (1950). Passou um período na Chapada dos Guimarães e, no seu retorno à João Pessoa, em 1988, começou a conviver com o ideário do Movimento Armorial de Ariano Suassuna – que valorizava as expressões populares e seus mitos fundadores –, com considerável impacto em seus primeiros anos de sua produção. Foi nesse momento, inclusive, que o artista deixou a acrílica de lado e assumiu, definitivamente, a tinta a óleo.

O ponto de partida de sua produção pictórica residia na representação de seres inventados e fantasiosos. As figurações típicas deste início de carreira faziam referência ao fantástico imaginário nordestino, no qual já se identificava o interesse presente e permanente que atravessa toda sua trajetória: a complexa e misteriosa relação entre a luz e a sombra. Ao mudar-se para São Paulo, em 2003, começou a se dedicar à pintura de deuses fabulosos – seres híbridos ou quiméricos que, aos poucos, foram dando espaço à pesquisa luminosa que vem sendo o foco de sua produção por quase duas décadas.

Desde então, o trabalho de Lucena (sempre sensível às forças da natureza), carrega a referência às paisagens do sertão, resgatadas de suas memórias de infância, em telas que sugerem vistas com horizontes longínquos, ou cenas mais abstraídas, nas quais uma linha horizontal se dilui em campos de cor de delicado gradiente. Como um verdadeiro convite à contemplação da imensidão, suas obras apresentam uma variedade infinita de matizes luminosos produzidos a partir de uma imensa gama de pigmentos no próprio ateliê. Suas pinturas são construídas com um imensurável acúmulo de matéria, carregando um peso de tinta que parece contradizer a leveza e fineza das rarefeitas pinceladas e das velaturas que ele aplica sobre a tela. Em sua série mais recente, elementos geometrizados passaram a emergir por entre os reluzentes campos coloridos, revelando de maneira mais premente como a presença da arquitetura vernacular do Nordeste, dos símbolos da cultura popular brasileira e das insígnias religiosas sincréticas habitam o imaginário do artista.

Sergio Lucena realizou inúmeras individuais, como: “Festa do Interior”, Simões de Assis, São Paulo; “Espelho” (2021), Simões de Assis, Curitiba; “The Blue that embraces me” (2021), Mariane Ibrahim Gallery, Chicago; “Enigma” (2015), Mariane Ibrahim Gallery, Seattle; “Horizonte Comum” (2014), Usina Cultural Energisa, João Pessoa; “O Mar de Sergio Lucena” (2011), Centro Cultural Correios, Salvador e Rio de Janeiro; “Deuses” (2007), MuBE, São Paulo; e “Sergio Lucena: pinturas” (1990), Laden Galerie, Berlim. Dentre as principais coletivas destacam-se: “37º Panorama da Arte Brasileira” (2022), MAM, São Paulo; “Paramnésia” (2021); Galeria Cisterna, Lisboa; “J’ai Deux Amours” (2021), Mariane Ibrahim Gallery, Paris; “Common Place” (2018), Mariane Ibrahim Gallery, Seattle; “Kunsthal Vejle Project” (2018), Kunsthal Vejle; “Os desígnios da arte contemporânea no Brasil” (2017), MAC-USP; “Admirável mundo novo, admirável mundo velho” (2015), The Adashi Institute of Woodcut Prints, Tóquio; “Artistas das Três Américas” (1998), Museum of the Americas, Washington; “Surrealismo no Brasil” (1989), Pinacoteca do Estado, São Paulo. Realizou também, workshops, intercâmbios e residências artísticas na Dinamarca, na Alemanha e nos Estados Unidos. Além disso, recebeu premiações nos principais salões de arte do país e, em 2012, foi premiado pela Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) com o Prêmio Mário Pedrosa, na categoria Artista Contemporâneo.

Sergio Lucena (João Pessoa, 1963) studied physics and psychology at the Universidade Federal da Paraíba (UFPB) in João Pessoa, but interrupted his studies to dedicate himself to art. In 1982, he began studying drawing and painting techniques with artist Flávio Tavares (1950). He lived in the Chapada dos Guimarães for a year and, on his return to João Pessoa, in 1988, began to follow the ideals of Ariano Suassuna’s Armorial Movement – which valued popular expressions and its founding myths – with considerable impact on his first years of production. It was at this moment, in fact, that the artist left acrylic paint aside and definitively adopted oil paint.

The starting point of his pictorial production resided in the representation of invented and fantastic beings. The typical figurations of this early career made reference to the uncanny imagery of the Northeastern region of Brazil, in which the ever-present and permanent interest that runs through his entire career could already be identified: the complex and mysterious relationship between light and shadow. After moving to São Paulo in 2003, he began to dedicate himself to painting invented gods – hybrid or chimeric beings that gradually gave way to the investigation into light that has been the focus of his production for almost two decades.

Since then, Lucena’s work (always sensitive to the forces of nature), references the landscapes of the northeastern sertão (hinterlands) that live on in his childhood memories. He transposes them onto canvases, resulting in images that either suggest views of distant horizons, or more abstract scenes, in which a horizontal line is diluted in fields of delicate color gradients. As a true invitation to contemplate immensity, his works present an infinite variety of luminous nuances that derive from an immense range of pigments in his studio. His paintings are built with an immeasurable accumulation of matter, carrying such a heavy layer of paint, which seems to contradict the lightness and fineness of the rarefied brushstrokes and the glazes he applied to the canvas. In his most recent series, geometrized elements have begun to emerge within the shining and colored fields, revealing in a more pressing way how the presence of the vernacular architecture of the Northeast, the symbols of Brazilian popular culture, and syncretic religious insignias inhabit the artist’s imaginary.

Sergio Lucena has held several solo exhibitions, such as: “Festa do Interior” (Folk Festivities, 2022), Simões de Assis, São Paulo; “Espelho” (Mirror, 2021), Simões de Assis, Curitiba; “The Blue that embraces me” (2021), Mariane Ibrahim Gallery, Chicago; “Enigma” (2015), Mariane Ibrahim Gallery, Seattle; “Horizonte Comum” (2014), Usina Cultural Energisa, João Pessoa; “O Mar de Sergio Lucena” (2011), Centro Cultural Correios, Salvador and Rio de Janeiro; “Deuses” (2007), MuBE, São Paulo; “Sergio Lucena: pinturas” (1990), Laden Galerie, Berlin. Among the main group shows are: “37º Panorama da Arte Brasileira” (2022), MAM, São Paulo; “Modernismo desde aqui” (2022), curated by Claudinei Roberto da Silva, Paço das Artes, São Paulo, Brazil; “Paramnésia” (2021), Galeria Cisterna, Lisboa; “J’ai Deux Amours” (2021), Mariane Ibrahim Gallery, Paris; “Common Place” (2018), Mariane Ibrahim Gallery, Seattle; “Kunsthal Vejle Project” (2018), Kunsthal Vejle; “Os desígnios da arte contemporânea no Brasil” (2017), MAC-USP; “Admirável mundo novo, admirável mundo velho” (2015), The Adashi Institute of Woodcut Prints, Tokyo; “Artistas das Três Américas” (1998), Museum of the Americas, Washington; “Surrealismo no Brasil” (1989), Pinacoteca do Estado, São Paulo. He also held workshops, exchanges and artistic residencies in Denmark, Germany and in the United States. Furthermore, he has received awards in major art salons and, in 2012, he was awarded the “Prêmio Mário Pedrosa” by the Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), in the Contemporary Artist category.

SIMÕES DE ASSIS

São Paulo

rua sarandi 113a
01414-010 sp brasil
+55 11 3063-3394

Curitiba

al. carlos de carvalho 2173a
80730-200 pr brasil
+55 41 3232-2315

Balneário Camboriú

3ª avenida, esquina c/ 3.150, sala 04
88330-260 sc brasil
+55 47 3224-4676